

## “Errou Feio, Errou Rude”: Porta dos Fundos e a Representação Decolonial de Deus<sup>1</sup>

Bhryan Gama BARBOSA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise do esquete “Deus” produzido pelo grupo Porta dos Fundos, sob a perspectiva da decolonialidade. Tal conceito se constitui a partir da compreensão que os processos de dominação embutidos no período colonial se mantiveram ativos através da perpetuação cultural de valores referentes a este período, a esta manutenção de relações coloniais se atribuiu o nome de colonialidade. Matriz espiritual desse processo, a ideologia cristã constrói sua iconografia sob parâmetros europeus. Dessa forma, o vídeo analisado satiriza essa perspectiva embranquecida da arte sacra. A abordagem cômica sobre o campo religioso no objeto aqui trabalhado será analisada sobre a perspectiva da incongruidade.

**Palavras-Chave:** Porta dos Fundos; Deus; Decolonialidade; Incongruidade.

### INTRODUÇÃO

“Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (GÊNESIS 1:26-28). A representação imagética de divindades e figuras proféticas religiosas configura um descompasso narrativo dentro do cristianismo (algo que se estende também ao Islã)<sup>3</sup>. No entanto, em culturas com profundas raízes judaico-cristãs, como a brasileira, sua presença no imaginário coletivo esbarra na “onipresença”. Compreendendo este aspecto, tais representações dão indícios sobre as relações de poder estruturadas em uma sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: bhryan.gama@ufpe.br

<sup>3</sup> Reportagem da BBC News sobre a representação do profeta Maomé veiculada após os ataques ao Charlie Hebdo. Disponível em [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150115\\_retrato\\_maome\\_historia\\_pai](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150115_retrato_maome_historia_pai). 07/06/2022.

Aníbal Quijano (2005) argumenta que a ideia de raça, como atualmente entendida e trabalhada, tem seu gênese no processo de colonização da América (QUIJANO, 2005). A estratificação social repartida entre conquistadores e conquistados tem na perspectiva da superioridade biológica/racial sua justificativa. Compreendendo o estabelecimento do cristianismo em território americano enquanto consequência do processo colonizador não surpreende que a produção iconográfica religiosa se volte para o leste do Oceano Atlântico.

O desenrolar da dominação europeia de territórios americanos reverbera nos dois lados da relação estabelecida, vide a reestruturação econômica no outro lado do Atlântico causada pela exploração de riquezas naturais americanas como o ouro e prata (Galeano, 2010) e o processo de aculturação sofrido pelos povos originários da região.

Nas eleições de 2018 o passado colonial brasileiro materializou-se na candidatura (e posterior eleição) do “quase príncipe” Luiz Philippe de Orleans e Bragança<sup>4</sup>, ironicamente logrando espaço no jogo político democrático vangloriando-se de suas origens “reais”. O capital político apresentado pelo deputado não pode ser medido pela perspectiva do colonialismo, já que o Brasil tem sua independência declarada em 1822, e a República instaurada enquanto modelo nacional em 1889. No entanto, este fato ocorrido nas eleições de 2018, encorpa os debates acerca da perspectiva da colonialidade.

O conceito de colonialidade surge enquanto chave de leitura para “(...)a continuidade das formas coloniais de dominação após o fim das administrações coloniais, produzidas pelas culturas coloniais e pelas estruturas do sistema-mundo capitalista moderno/colonial (CROSFUGUEL, 2008, p. 126). Dessa forma, as relações interpessoais, de trabalho e a própria subjetividade são construídas a partir de modelos coloniais. As antigas colônias passaram por um “rebranding” e são na nova estrutura países emergentes, ou de 3º mundo (com exceção dos Estados Unidos, que hoje experimenta o outro lado das relações de poder).

A crítica à colonialidade se estabeleceu em territórios americanos em boa parte graças às contribuições do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). O grupo, que se constituiu nos anos 90, buscou a renovação das ciências sociais na América Latina, buscando um “giro decolonial” (BALLESTRIN, 2013), ou seja, uma reconstrução epistemológica que tivesse como centro os problemas do continente. Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, Ramón

---

<sup>4</sup> Informações sobre a atuação política do deputado disponíveis em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/15/politica/1573833639\\_420228.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/15/politica/1573833639_420228.html). Acesso em 10/06/2022.

Crosfoguel e Enrique Dussel são alguns que fazem parte do quadro de autores que fazem parte do grupo (BALLESTRIN, 2013). Ironicamente, motivos coloniais podem explicar o distanciamento entre o Grupo M/C e o Brasil. O Brasil com sua colonização portuguesa constrói em sua identidade, que conta com uma língua homônima, quase que automaticamente uma cisão com seus vizinhos de colonização espanhola. Some-se a isso a excepcionalidade histórica da relação colonial entre Brasil e Portugal, sendo o epicentro do reino lusitano a sua colônia americana a partir da vinda da família real em 1808.

A independência gritada por D. Pedro I aponta outra peculiaridade ao caso brasileiro. A transição colônia/nação independente passa pela manutenção de grupos de poder em seus lugares, ou seja, a família real portuguesa converteu-se em realeza brasileira dando ares de continuidade a ruptura administrativa. Embora, em sua maioria, os estados americanos tenham se formado no século XIX, os territórios pertencentes ao lado lusitano e ao lado espanhol do Tratado de Tordesilhas apresentam diferenças em seus processos de descolonização, algo que merece ser aprofundado em outra pesquisa.

Linguística e administrativamente separados, porém, unidos “espiritualmente” em seus respectivos processos colonizadores, já que a Igreja Católica tem influência e participação ativa no colonialismo europeu. Compreendendo este aspecto, buscamos em nosso trabalho analisar a continuidade desta influência em outro processo, o da colonialidade.

Dessa forma, trabalharemos em nosso artigo a partir da perspectiva do cristianismo enquanto ideologia pertencente a modernidade/colonialidade (MIGNOLO, 2003), ou seja, uma ideologia que auxilia na manutenção de relações coloniais. Partindo desse entendimento, analisaremos o esquete “Deus”, produzido pelo grupo de humor Porta dos Fundos, esquete que nos apresenta uma divindade indígena/não branca, indo de encontro com uma tradição iconográfica cristã que corporifica sua divindade máxima enquanto homem branco.

A análise do vídeo terá como base o conceito de decupagem, processo que “deve mostrar como o filme vai ser visto e ouvido” (PEREIRA, PRADO, 2011). Dessa forma, anexamos em nosso texto trechos do roteiro da obra, para o auxílio da análise desta. Ancoramos ainda nossa abordagem teórica a noção de incongruidade, teoria que versa sobre o riso enquanto ação social, e suas origens. (EAGLETON, 2020).

---

## ENTRANDO PELA PORTA DOS FUNDOS

O grupo Porta dos Fundos é um coletivo de humor criado em março de 2012, veiculado pelo site de hospedagem gratuita de vídeos *Youtube* e posteriormente, expandindo sua marca para canais por assinatura e teatro. O Porta teve uma ascensão meteórica dentro do cenário cômico brasileiro, conseguindo em apenas seis meses, após seu surgimento, 30 milhões de visualizações em seu canal no *Youtube*. De acordo com Raiza Silva Campos (2017) a grande visibilidade do conteúdo humorístico corresponde a qualidade e diversidade do material apresentado.

Compreendendo o humor de qualidade no Youtube como o que propõe uma crítica social, podemos encontrar no canal, que se utiliza da sátira decorrente, críticas sociais e o levante de questões para que se pense sobre comportamentos e convenções da sociedade. (CAMPOS, 2017, p. 86)

A maior independência para a produção de seus roteiros, tocando em assuntos polêmicos que desagradavam editores da mídia tradicional foi um dos motivos apresentados pelos idealizadores da marca Porta dos Fundos (PORTA DOS FUNDOS, 2013). Nesse aspecto, cabe ressaltar o trabalho do grupo de estabelecer o campo religioso enquanto alvo de derrisão.

Dados referentes à produção artística do grupo mostram que entre os anos 2012 a 2021, foram produzidos em sua totalidade 1.798 vídeos elaborados pelo Porta dos Fundos, e veiculados em seu canal no *Youtube*. Uma parte desse montante é destinada à vídeos com temática religiosa cristã, no qual são contabilizados 122 esquetes<sup>5</sup>.

Compreendendo os aspectos quantitativos dos esquetes acima abordados, nos cabe organizá-los dentro de uma proposição metodológica. Ou seja, ferramentas para sua categorização, algo que recorreremos a categoria de contra-posição elaborada por Luiz Vadico (2009):

Em alguma medida, alguns “filmes de autor” podem ser pensados juntamente a outra categoria, os “Filmes de Contra-posição”, estes são produtos que possuem óbvios elementos do Sagrado, no entanto, também não se coadunam com o Campo do Filme Religioso, mas mantém um diálogo com essa produção ou com o Campo do Religioso, (...) São filmes que se propõe como obras de crítica a estes campos, e

---

<sup>5</sup> Os dados acima trabalhados fazem parte do levantamento do autor, que tem como origem de suas informações a página do canal Porta dos Fundos. Disponível <https://www.youtube.com/c/PortadosFundos/videos>. Acesso em 14/06/2022.

por isso mantém um diálogo com eles, no entanto, não querem, e não obedecem, suas regras. (VADICO, 2009, p.12).

A vida de Brian (1979)<sup>6</sup> e *South Park*(1997- ainda em produção)<sup>7</sup> são outros exemplos de obras de humor que buscam fonte para suas piadas no campo religioso, que embora trabalhem com figuras como Jesus Cristo ou Satanás não apresentam objetivos confessionais em suas narrativas. Deste modo, voltaremos nosso olhar no esquete “Deus”, do grupo Porta dos Fundos.

O vídeo em questão foi lançado em 2013, tem seu roteiro assinado por Fábio Porchat e é dirigido por Ian SBF. A narrativa aborda o encontro da recém falecida Judite (vivenciada por Clarice Falcão) com Deus (Rafael Infante). O humor se desenvolve através do estranhamento que Judite apresenta ao se deparar com uma divindade não cristã, e sim com um Deus cultuado em uma tribo da Polinésia.

### **Todos os caminhos levam a Roma: Decolonialidade e o Deus polinésio.**

No auge de seu império, Roma contava com uma extensa malha rodoviária, com características e funções diferentes das rodovias atuais, que canalizavam e facilitavam o acesso a sua capital. Tal fato histórico dá origem à expressão “todos os caminhos levam a Roma”. Se a logística de transportes aprimorou-se com o passar do tempo, principalmente com o avanço tecnológico, os caminhos epistemológicos ainda desembocam no mesmo lugar.

O culto à Antiguidade Clássica enquanto berço da civilização ocidental tem seu início no movimento renascentista europeu, sendo este inclusive o motivo de sua nomenclatura, já que o movimento buscava sua inspiração nas sociedades grega e romana, que tiveram seus saberes “sepultados pelas ‘trevas’ da Idade Média”(BYINGTON, 2009).

A construção das sociedades Greco-Romanas enquanto mito fundante caracteriza um projeto identitário europeu, levando em conta que a “história do mundo tem sido controlada pela Europa ocidental, que registrou sua presença no resto do mundo como resultado da conquista colonial e da Revolução Industrial.(GOODY, 2008, p. 16)”. A estruturação narrativa de sua origem, demarca e justifica, o caminho percorrido até o período de colonização.

---

<sup>6</sup> Filme de comédia que satiriza o contexto em que viveu Jesus Cristo, sendo o protagonista um paralelo ao filho de Maria e tendo o mesmo final, a crucificação.

<sup>7</sup> Série animada de humor norte americana produzida pelo Comedy Central.

---

Sendo o cerne da construção identitária eurocêntrica, nada mais conveniente que seja no Império Romano que nasça e se desenvolva uma ideologia que permeia a construção histórica europeia: o cristianismo.

Mignolo (2003) defende em sua obra *“Historias locales/ disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo”* a construção de um pensamento fronteiriço, uma epistemologia que não rejeite o conhecimento construído na Modernidade/Colonialidade, porém, que não seja subjugada por este. O autor reafirma, dessa forma, a resistência às cinco ideologias da modernidade; liberalismo, marxismo, conservadorismo, colonialismo e cristianismo.

A ênfase no cristianismo enquanto ideologia da modernidade, ou seja, perpetrador de relações coloniais, tem sua razão de ser, já que esta apresenta causa e consequência do processo colonizador. Para além dos ganhos econômicos e territoriais, a expansão marítima europeia tem também seus interesses religiosos (ROGGENBACH, 2017). O ímpeto de “cruzar” o oceano Atlântico traz em si boa parte do espírito das Cruzadas<sup>8</sup>.

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.” (MARCOS, 16:15). Não podemos pensar o processo colonizador sem a presença do cristianismo, já que este tutela e justifica “espiritualmente” este processo sobre os argumentos de conversão dos “gentios”.

A propagação da fé cristã, principalmente sua vertente católica, contou historicamente com uma larga produção iconográfica em seu arsenal, “através da representação plástica e sensível, os fiéis podiam obter uma instrução mais correta que aquela que lhes era oferecida pelos simples enunciados teóricos da fé” (MARTINS, 1988, p. 27).

Compreendemos a produção artística cristã, e principalmente a que representa suas divindades, através da perspectiva da racialização, conceituando este enquanto “o fenômeno que transforma um conjunto de indivíduos em um grupo racial subalterno a partir de traços fenotípicos hereditários e sistematizado por uma ideologia dominante” (TRALCI FILHO, 2019, p. 23). Indo na contramão dos racializados temos o ser/tipo e universal, que na história ocidental se caracteriza pela branquitude.

---

<sup>8</sup> As Cruzadas foram expedições religiosa-militares realizadas durante a Idade Média, que visavam a conquista de territórios para a Igreja Católica, dentre estes territórios estava a Terra Santa. Mais informações em <https://www.infoescola.com/historia/as-cruzadas/>. Acesso em 15/06/2022.

---

A construção do imaginário religioso cristão e sua materialização em produções artísticas personifica suas entidades, como Deus, Jesus, anjos e santos, por um viés ocidentalizado e embranquecido, o que remete ao fato de (aqui estamos de novo) parte de sua iconografia ter sido apropriada da cultura greco-latina (EUSÉBIO, 2004).

Dessa forma, a proposta humorística apresentada no vídeo “Deus”, produzido pelo grupo Porta dos Fundos, apresenta uma subversão, ou uma quebra de expectativas, frente a personificação de um Deus indígena, não europeu e sem olhos claros.

O esquete aqui analisado foi gravado em estúdio fechado, tendo sua caracterização estampada predominantemente na cor branca. O vídeo se inicia com o aparecimento instantâneo de uma personagem feminina (Judite), ato acompanhado de efeito sonoro para caracterizar a aparição abrupta da personagem. Judite aparenta estar confusa e desorientada:

Judite: - Ah, meu Deus.

Deus balança seu braço direito em uma espécie de saudação.

Deus; - Tá perdida?

Judite: - Tô um pouco.

Deus: - Você morreu.

Judite: - Que?

Deus:- Desencarnou. Veio parar aqui.

Como abordado anteriormente, o grupo Porta dos Fundos conta com uma determinada quantidade de produções voltadas a temáticas religiosas, sendo um desses temas o imaginário sobre o metafísico (como os conceitos/espacos de Céu e Inferno). Em esquetes como Céu católico, Criação e Assistência divina<sup>9</sup> vemos o grupo construir uma identidade visual sobre a representação do “paraíso cristão”, que os comediantes caracterizam na cor branca. Essa configuração imagética auxilia a narrativa na construção de um descompasso entre o cenário (paraíso cristão) e a divindade que se apresenta no esquete analisado. Esse desencaixe se apresenta na narrativa através da surpresa apresentada pela personagem Judite:

Judite: - E você é quem?

Deus: - Deus.

Judite apresenta feição de dúvida perante a afirmação.

Deus: Eu sou Deus, Deus, Deus (risadas).

Judite: Como assim você é Deus?

---

<sup>9</sup> Esquetes encontradas no canal do grupo Porta dos Fundos. Disponível em <https://www.youtube.com/c/PortadosFundos/videos>. Acesso em 17/06/2022.

---

Deus: Assim, sendo assim. Oh, toda civilização acredita em alguma coisa, não é?

Judite: Uhum (confirmando).

Deus: Alguma tinha que tá certo, correto?

Judite: Uhum (confirmando)

Deus: E não é que esse tempo todo quem tava certo era o pessoal da tribo da polinésia.

Dentre as perspectivas de análise da experiência cômica, uma que aparece com certa frequência no vocabulário de seus teóricos é a da teoria da incongruidade. A matriz dessa linha de pensamento concebe o ato de sorrir enquanto consequência da percepção de aspectos incongruentes, ou seja, “um deslize inesperado do significado, uma atraente dissonância ou discrepância, uma momentânea desfamiliarização do familiar e assim por diante” (EAGLETON, 2020, p. 61).

A incongruidade apresentada no esquete “Deus” se dá na representação de uma entidade divina racializada, frente a uma cultura cristã amplamente difundida de um Deus universal, logo, branco. Essa “desfamiliarização” da imagem divina foi utilizada pelo grupo Porta dos Fundos em outras produções como “Especial de Natal- O velho testamento<sup>10</sup>” e “Jesus hétero”<sup>11</sup>.

O cinema nacional trás também seu exemplo na obra “O auto da compadecida”, obra em que um Jesus negro (interpretado por Maurício Gonçalves) emerge em frente a uma pintura que o representa nos moldes “tradicionais”, caucasiano com barba e cabelos longos.

A incompatibilidade apresentada no vídeo do grupo Porta dos Fundos não se apresenta somente nas características fenotípicas da representação divina, ela também se dá na construção de sua personalidade, algo que podemos perceber na passagem a seguir:

Judite: Não tem algum jeito assim..... (colocando a mão direita no braço esquerdo de Deus).

Deus: Ahhhh, não encosta em Deus.

Judite: (...) assim pra me redimir.

Deus: De acordo com a doutrina, se você dançar esfregando o peito e a barriga no chão, você se redime.

Judite: Tá certo.

Judite se abaixa com a parte anterior de seu corpo voltada para o chão e começa a se movimentar como se estivesse dançando.

Judite: Opa.... Vamos lá... Oooooh.

---

<sup>10</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tq6fw-KWSTE>. Acesso em 15/06/2022.

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=y2mccgB3XIk&t=1s>. Acesso em 16/02/2022.



Deus: (rindo) você acreditou, oh cegonha. Pode subir menina, pode subir. Você acredita que eu fiz isso com Madre Teresa de Calcutá, e ela debatia, babava...

O riso se apresenta como um tabu dentro do cristianismo, chegando a ser creditado como consequência do pecado original. O ato de sorrir “(...)é ligado à imperfeição, à corrupção, ao fato de que as criaturas sejam decaídas, que não coincidam com o seu modelo, com sua essência ideal.” (MINOIS, 2003, p.112). Ao zombar de Judite, o Deus polinésio apresentado no esquete se distancia consideravelmente da entidade solene cultuada no cristianismo.

### **Considerações finais**

“Não vos enganeis, de Deus não se zomba” (GÁLATAS 6:7). Ao pensarmos historicamente o cristianismo e suas manifestações institucionais, constatamos que tal ideologia esteve mais vezes em posição dominante que em posição dominada, situação conflitante com o campo do humor, caracterizado por suas qualidades subversivas (MINOIS, 2003).

Nesse conflito o grupo Porta dos Fundos está longe de ser o precursor, uma “batalha” que se estende (no mínimo) ao século III, com o grafite em Pompeia “Alessameno adora seu Deus”. No grafite em questão temos a representação de uma crucificação, no entanto, no lugar de Jesus Cristo temos a representação de um asno, que dentro da cultura judaica da época representava as forças do mal (MINOIS, 2003).

Dessa forma, não surpreende que seja através do humor que a ligação entre cristianismo e colonialismo/colonialidade seja trabalhada, sendo a incongruidade apresentada pelo Deus polinésio calcada em um processo histórico de dominação europeia no continente americano, e em um embranquecimento da religião cristã.

Fazemos a ressalva que não podemos encarar o cristianismo enquanto ideologia homogênea em sua estrutura, há dentro desta perspectiva religiosa movimentos que se opõem aos processos aqui trabalhados, como a Teologia Negra/ Afro-brasileira e a Teologia da Libertação, que com seus preceitos e ensinamentos inspirou o grupo Modernidade/Colonialidade (BALLESTRIN, 2013). Tais vertentes buscam a ressignificação da experiência cristã em solo americano, no entanto, essa busca deve passar pelo

reconhecimento que parte do sangue que jorrou das “veias abertas da América Latina” (GALEANO, 2010) foi derramado em nome de Deus.

### **Referências bibliográficas**

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio-agosto 2013.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Edição revista e atualizada. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil.

BYINGTON, Elisa. **O projeto do Renascimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CAMPOS, Raiza Silva. Youtube e a qualidade em canais de humor: o caso do Porta dos Fundos. 2017

EAGLETON, Terry. **Humor**: o papel fundamental do riso na cultura. 1ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2020.

EUSÉBIO, Maria de Fátima - A apropriação cristã da iconografia greco-latina: o tema do Bom Pastor. Máthesis. Viseu. ISSN 0872-0215. Nº 14 (2005), p. 9-28.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. L & PM, 2010.

GOODY, Jack. **O roubo da história**: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do oriente. São Paulo: Contexto, 2008.

GROSGOUEL, Ramón (2008). “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 115-147.

MARTINS, Fausto Sanches (1988). Estudo iconográfico do retábulo-sacrário da capela do Santíssimo Sacramento da igreja Matriz de Caminha, sep. da “Revista da Faculdade de Letras”, IIª série, vol. V, Porto.

MIGNOLO, Walter (2003). Historias locales/ disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**/ Georges Minois; tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. - São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PEREIRA, Josias; PRADO, Thiago. A decupagem de direção: gênese e limitações artísticas. **Londrina: Intercom**, 2011.

PORTA DOS FUNDOS. **Porta dos fundos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005.

ROGGENBACH, Diego. "OS MOTIVOS QUE LEVARAM À EXPANSÃO MARÍTIMA PORTUGUESA: A POLÍTICA, A FÉ E O IMAGINÁRIO MÍTICO." 2017. Disponível em [https://www.academia.edu/44343800/OS\\_MOTIVOS\\_QUE\\_LEVARAM\\_%C3%80\\_EXPANS%C3%83O\\_MAR%C3%8DTIMA\\_PORTUGUESA\\_A\\_POL%C3%8DTICA\\_A\\_F%C3%89\\_E\\_O\\_IMAGIN%C3%81RIO\\_M%C3%8DTICO](https://www.academia.edu/44343800/OS_MOTIVOS_QUE_LEVARAM_%C3%80_EXPANS%C3%83O_MAR%C3%8DTIMA_PORTUGUESA_A_POL%C3%8DTICA_A_F%C3%89_E_O_IMAGIN%C3%81RIO_M%C3%8DTICO).

TRALCI FILHO, Marco Antonio. “Atleta negro, psicólogo branco”: racialização e esportes na visão de profissionais de psicologia. 2019. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

VADICO, Luiz. **O campo do filme religioso**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Fotografia, Cinema e Vídeo”, do XIX Encontro da Compós, na PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2009.